

DETETIVES DA IGUALDADE: PROJETO DE EXTENSÃO COM JOGO EDUCATIVO PARA DESCONSTRUÇÃO DE ESTEREÓTIPOS DE GÊNERO DESDE A INFÂNCIA

LAURA PORTO DE CASTRO¹; GIULIANA INVENINATO VAHL²; ISADORA VIEIRA BOJUNGA³; ALEXANDRE CORRÊA DE OLIVEIRA⁴

¹*Universidade Federal de Pelotas – laurapcastro07@gmail.com;*

²*Universidade Federal de Pelotas - giuvahl03@gmail.com;*

³*Universidade Federal de Pelotas - isadoravieirabojunga@gmail.com;*

⁴*Universidade Federal de Pelotas - oliveiraalec@outlook.com.*

1. INTRODUÇÃO

Crianças são expostas desde cedo a anúncios publicitários e às opiniões de adultos, fatores que influenciam a construção de valores e podem favorecer a reprodução de estereótipos de gênero e práticas machistas. Esse contato precoce, em uma fase de grande vulnerabilidade, ressalta a importância de desenvolver estratégias educativas que contribuam para a formação de uma sociedade justa e igual para todos.

Este trabalho situa-se na área da educação, com ênfase na pedagogia crítica, e busca analisar de que forma a publicidade incide na formação das crianças e como é possível problematizar esses discursos. Inspirado na perspectiva de PAULO FREIRE (1996, p. 21), entende-se que “ensinar não é transferir conhecimento, mas criar as possibilidades para a sua própria produção ou a sua construção”. Dessa forma, a atividade de extensão proposta se ancora na ideia de que o processo educativo deve ser dialógico e participativo, estimulando reflexão e ação transformadora.

Nesse contexto, propõe-se uma atividade de extensão em escolas de Pelotas, voltada para crianças de 7 a 11 anos, por meio de um jogo educativo que as transforma em “detetives da igualdade”. O projeto tem em como objetivos:

1. Estimular o senso crítico diante da publicidade e dos estereótipos de gênero;
2. Utilizar o jogo como ferramenta lúdica para promover igualdade e respeito; e
3. Formar crianças capazes de identificar e rejeitar mensagens machistas no cotidiano.

Assim, pretende-se contribuir para a formação de uma geração mais consciente, capaz de questionar discursos opressores e propor coletivamente práticas sociais mais justas e igualitárias.

2. METODOLOGIA

O trabalho será realizado a partir de uma abordagem qualitativa e interventiva, juntando ensino, pesquisa e extensão. A ação será desenvolvida em escolas públicas de Pelotas, com crianças de 7 a 11 anos, público inserido no estágio das operações concretas, fase em que a construção de conceitos morais e sociais torna-se mais significativa. O projeto estabelece uma relação dialógica com a comunidade escolar, de modo que os universitários envolvidos atuarão como mediadores, promovendo rodas de conversa, a aplicação do jogo educativo e a reflexão coletiva com as crianças e professores (PIAGET; INHELDER, 1999).

A metodologia adotada consiste em três etapas principais: (1) criação do jogo com base na idealização, prototipagem e elaboração de cartas de publicidade e de missão, ancoradas no Código de Defesa do Consumidor; (2) aplicação da atividade extensionista em sala de aula, na qual as crianças analisam propagandas, imaginam conteúdos de forma justa e participam das etapas lúdicas de investigação, correção criativa e pontuação; e (3) avaliação participativa, que será realizada por meio de observação dos pesquisadores, registros em diário de campo e análise das produções criativas feitas pelas crianças (BRASIL, 1990).

A fundamentação metodológica inspira-se na pedagogia crítica de FREIRE (1996), que defende o diálogo como prática emancipatória, e em estudos que apontam o potencial transformador do brincar e dos jogos no processo de socialização e aprendizado. Assim, o trabalho promove a integração entre teoria e prática, favorecendo a formação dos estudantes universitários e a conscientização crítica das crianças, consolidando a função social da universidade (QUEIROZ; MACIEL; BRANCO, 2006).

3. RELATOS E IMPACTOS GERADOS

A atividade extensionista deste trabalho será desenvolvida por meio de um jogo para o público dos 7 aos 11 anos que funcionará da seguinte maneira: as crianças irão receber cartas com diferentes publicidades, algumas abusivas e outras não, e deverão identificar quais anúncios publicitários são abusivos e reimagina-los da maneira correta, com o auxílio de outras cartas que possuem referência ao Código de Defesa do Consumidor. Ao final, as crianças se tornam “detetives da igualdade”, o que visa desconstruir, desde cedo, estereótipos de gênero e comportamentos opressores, apresentando às crianças o papel da publicidade na formação e perpetuação de ideias machistas.

A partir da atividade criada, é importante destacar que de acordo com QUEIROZ, MACIEL E BRANCO (2006), a ação de brincar é culturalmente construída e serve como uma forma de integrar a criança ao mundo e aos valores sociais, ou seja, o jogo ultrapassa a função de entretenimento, podendo ser compreendido como um instrumento pedagógico e de transformação social. PONCIANO *et al.* (2023) também explica que os jogos podem ter função política e social ao simular dinâmicas da sociedade. Quando usados de forma lúdica na educação, eles influenciam positivamente o comportamento das crianças, prevenindo a formação de pensamentos machistas.

Por fim, para ressaltar a importância das atividades extensionistas para a comunidade e os estudantes, JONISON PINHEIRO E CHRISTIAN NARCISO (2022) destacam que a extensão é um dos pilares fundamentais da educação superior, junto do ensino e da pesquisa, caracterizando-a como uma via de mão-dupla, pois possibilita a troca de saberes acadêmicos e populares. Assim, sabe-se que atividades extensionistas, além de ajudar a comunidade ao oferecer soluções para problemas locais, promover inclusão social e estimular transformações culturais, educacionais e econômicas, contribui para uma boa formação dos estudantes, por ajudar a nos tornar mais capazes a desenvolver certas competências, como trabalho em equipe, empatia e comunicação. Ou seja, contribui tanto para a nossa formação acadêmica, quanto para a formação cidadã.

4. CONSIDERAÇÕES

Conclui-se que a publicidade exerce papel significativo na formação infantil, sobretudo quando reforça estereótipos de gênero e práticas discriminatórias. Nesse contexto, conforme ensinam QUEIROZ, MACIEL E BRANCO (2006), os jogos lúdicos, por seu caráter cultural, pedagógico e social, mostram-se instrumentos capazes de estimular o senso crítico das crianças e promover valores de igualdade e respeito. Além disso, como apontam PONCIANO *et al.* (2023), os jogos podem assumir função política e social, funcionando como simuladores da vida em sociedade. Assim, o estudo contribui para ampliar o debate sobre a influência da publicidade, a exploração da vulnerabilidade infantil e a necessidade de medidas jurídico-educativas que assegurem uma comunicação responsável e livre de estereótipos discriminatórios.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BRASIL. Lei nº 8.078, de 11 de setembro de 1990. Dispõe sobre a proteção do consumidor e dá outras providências. Disponível em: https://www.planalto.gov.br/ccivil_03/leis/l8078compilado.htm. Acesso em: 2 de maio de 2025.

FREIRE, P. Pedagogia da Autonomia: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

PIAGET, J; INHELDER, B. A psicologia da criança. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1999. 13. ed.

PINHEIRO, J.V; NARCISO, C. S. A importância da inserção de atividades de extensão universitária para o desenvolvimento profissional. **Revista Extensão & Sociedade**, Natal, v. 14, n. 2, p. 56-68, 2022.

PONCIANO, David Gregório; SOUZA, Eriel de Jesus; GOUVEIA, Gustavo Soares; FERNANDES, Jonatas Renan de Jesus; LIMA, Juan Oliveira; MARCELINO, Lucas Henrique Santana; SILVA, Matheus Mesquita da; MACIEL, Wictor Eduardo dos Reis.

Processo de como criar jogos e a sua importância cultural. Cubatão: Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia de São Paulo – Campus Cubatão, 2023. Projeto Integrador (Curso Técnico em Mecânica Integrado ao Ensino Médio). Disponível em: https://cbt.ifsp.edu.br/images/Grupo01_Monografia.pdf. Acesso em: 3 de maio de 2025.

QUEIROZ, N.L.N; MACIEL, D.A; BRANCO, Â.U. Brincadeira e desenvolvimento infantil: um olhar sociocultural construtivista. Paidéia (Ribeirão Preto), v. 16, n. 34, p. 169–179, 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/paideia/a/yWnWXw6vNs5pTHSpxW4KR9q/?lang=pt>. Acesso em: 3 de maio de 2025.